

Quem era Ricardo Carvalho Calero?

Formado em Direito e Filosofia e Letras, foi membro do Seminário de Estudos Galegos, co-fundador do Partido Galeguista e elaborou com Luís Tobio o primeiro anteprojeto do Estatuto de Autonomia. Membro do exército republicano, preso político, professor, Director do Colégio Fingoi em Lugo, Doutor em Filosofia e Letras e membro da Real Academia Galega. Foi também o primeiro catedrático universitário de Linguística e Literatura Galega. É portanto umha das figuras mais importantes da cultura galega do século XX.

Investigador linguístico e literário, cultivador de romance e poesia, Ricardo Carvalho Calero marcou com a sua teorização linguística o caminho que melhor assegura o nosso futuro e umha normalização real da língua galega assente em dous princípios: o Reintegracionismo linguístico e o monolingüismo social.

Colocamos por isso neste folheto alguns dos trechos mais interessantes para o momento actual das suas teorias sobre a língua:

in Umha voz na Galiza.

GALEGO. OBJECÇÃO DE CONSCIÊNCIA

“Que sentido pode ter a obrigatoriedade do ensino da nossa língua se nom cabe o dever de conhecê-la por todos os galegos? E que sentido tem que a nossa língua seja oficial em Galiza se nom temos por que conhecê-la os que a temos por língua oficial? Que significa que o Galego é língua própria de Galiza se nom rege o dever de conhecê-la e, portanto, o de estudá-la? Umha língua oficial que nom hai obriga de conhecer bem, portanto, estudar, como funcionará oficialmente? A língua oficial nom é precisamente a que nom podem escusar-se de conhecer os sujeitos à correspondente ordenação jurídica? Se eu nom tenho o dever de conhecê-la, como o meu filho vai ter o dever de estudá-la?, por que se chama língua oficial? Por que podó usá-la, se quero, perante as autoridades autonómicas? A isso se reduz a sua cooficialidade? (...)”

Segundo tal critério, na prática o galego seria umha língua para objectores de consciência. O galego seria no seu uso umha objecção de consciência. Assim como aos sequazes de certas seitas religiosas se lhes dispensa o uso das armas, assim aos sequazes da seita galeguista se lhes dispensaria o uso da língua estatal.”

in Umha voz na Galiza

BILINGÜISMO E BIGAMIA

“O bilingüismo individual é umha realidade cultural hoje imprescindível. Mas um povo nom pode ser logicamente bilingue, como um indivíduo nom pode ser legalmente bigamo. Um povo nom pode usar indiscriminadamente duas línguas. Essa seria umha situação anti-económica e anti-higiénica. Representaria umha dicotomia mental e umha volubilidade que nom suporia enriquecimento, senom incongruência e desorde.

Essa situação nom é estável, e essa inestabilidade teria que desembocar na monarquia daquela das duas línguas que possuísse maior potência social. É o caso da nossa terra. Mentres tanto, o que funciona é umha baixa diglossia, na que existe umha língua alta e umha língua baixa, situação que tem que resolver-se com a eliminação da língua menos rendível. O equilíbrio da cooficialidade pode darse como custosa prática nos boletins impressos polas autoridades. Mas o uso igualitário é umha utopia. Hai indivíduos polilíngues, mas um bilingüismo a nível de povo, de nação, seria patológico.”

in Do galego e da Galiza.

NOM ESTAMOS SÓS

“As fronteiras políticas nom podem impôr estranjeria a formas dialectais, ou simples falas, do mesmo idioma. O laborano é basco, o roselhonês é catalán, o aranês é gascon, o valom é francês, o flamengo é neerlandês, como o mexicano e o argentino som espanhol. Nestas condições, o galego nom pode viver de costas ao português, pois o Minho nom é umha fronteira linguística...”

in Da fala e da escrita.

“Nom me gostaria que a ortografia galega permanecesse indefinidamente tutelada pola castelhana ou lançada a solitários experimentos, fazendo uso dum arisco espírito de insularidade dentro do mundo románico, e desconectando-se, nom só do seu codialecto o português, senom mesmo da sua própria história. Como nom se creia que a sua história é a história dos séculos em que viveu a-historicamente.”

in Problemas da língua galega.

“Muitos séculos de castelhanização temem influído na mentalidade dos galegos de tal jeito que mesmo os galeguis-

tas mais radicais revelam às vezes o seu castelhanismo no seu radicalismo. O nacionalismo linguístico que propugna o isolamento do galego, parece inconsciente manifestação de vassalagem ao ponto de vista centralista castelán. (...) Nom é insensato ignorar ao português quando se trata de ordenar o galego. Muitos dos problemas que causam a perplexidade dalguns escritores galegos, foram resolvidos polo português em forma perfeitamente aceitável para nós.

Andar ensaiando soluções que hai tempo foram contrastadas e seleccionadas polos nossos vizinhos, é jogo pueril ou cerril, ditado por umha indiferença ou umha xenreira perante o português, que parece resultado da inoculação de um vírus preparado por inimigos da pervivência do nosso idioma.”

in Da fala e da escrita.

A postura antilusista, ou seja separatista, ou isolacionista, tem sentido desde umha perspectiva castelhanista. O que estime que o galego é umha antigualha inservível, ou simplesmente um expediente antieconómico, ou um insidioso atentado contra a unidade nacional, deve ser antilusista e antigaleguista; deve confessar-se abertamente castelhanista em matéria idiomática. A mim semelha-me mui razoável a postura que cuide anacrónico o uso do galego, sempre que chamemos anacronismo todo intento de restauração, e antieconómico todo esforço que suponha um esforço superior ao mínimo. É evidente que o uso do galego supom um esforço suplementar, e que se o suprimíssemos aforrariamos fluído mental. A necessidade do galego, evidentemente, nom se sente no ventre, como dizia Castelao.

Mas se por motivos sentimentais ou políticos elegemos conservar a nossa identidade idiomática, temos que correr todos os riscos e arrostar todas as conseqüências. Nom podemos contentar-nos com um galego popular construído exclusivamente a base do galego castelhanizado de hoje.

in Umha voz na Galiza.

O PAÍS QUE NOM SABIA COMO SE CHAMAVA

(...) Ao desaparecer o cultivo literário do galego, desapareceu da fala residual o nome autêntico do país, e, como ocorreu com tantas outras designativas de conceitos de direito público civil ou canónico, a palavra galega foi substituída pola castelhana, temos modernamente Galicia -como Dios- no galego vulgar. Ao restaurarmos a língua literária, devemos restaurar Galiza como Deus, que é o que achamos na escrita histórica...”

Mês de Maio Mês de Maio Mês

Que é o reintegracionismo?

O reintegracionismo ou lusismo ganha todo o seu sentido na década de 1980, quando se legaliza o uso duma norma escrita que separou em dous grupos os defensores do galego. A um lado aqueles que continuando o pensamento que vinha das teorias de Sarmiento, Murguía, Castelao, Viqueira, ou Vilar Ponte ficárom marginados polo novo poder emergente em mãos do ILG e da RAG, com o apoio de Alianza Popular.

Por outro lado os “novos” defensores do galego normativo, mais preocupados durante estes anos em perseguir os “lusistas” do que em normalizar o uso do galego em todos os âmbitos ou que se use com uma mínima correccom na rádio e na televisom, na escola,... fazendo do galego uma língua em que tudo vale....

Que queremos os “lusistas”?

-Uma maneira de escrever a língua que recupere a nossa grafia própria, porque a temos, é nossa e temos direito a usá-la, retirando da escrita a ortografia castelhana imposta por supostos “motivos pedagógicos” na chamada norma oficial.

-Uma língua em que haja usos formais, e que as e os políticos, professores e outros comunicadores sociais saibam usar como língua culta que tem direito a ser. Porque o galego nom pode ser um saco em que tudo pode valer.

-Uma língua útil neste mundo globalizado, que nos reencontre com as outras variedades da nossa língua (Brasil e Portugal) para podermos descastelhanizar o galego e encontrar o nosso lugar em pé de igualdade com outras línguas e culturas do mundo

-Uma política cultural que trabalhe polo reencontro cultural com Portugal, a que nos une um património imaterial comum, na música, os costumes, as tradições, a gastronomia....

Quem é Movimento Defesa da Língua?

O MDL é um grupo reintegracionista de âmbito galego que trabalha em defender a língua, normalizar os seus usos, protestar contra a discriminação linguística e melhorar as nossas relações com outros povos de língua galega.

A NOSSA HOMENAGEM

23 Maio *Terça-feira*



20h00, Projecçom
no centro social
Alto Minho
(*Rua catassol nº15*)
Documento histórico:
“O porvir do galego” com a
participaçom do Professor
Martinho Montero Santalha
(TVG, 1987, 31min.)

24 Maio *Quarta-feira*

20h00
na Galeria Sargadelos
(*Pça de Sto Domingo*)
Apresentaçom do livro
“*Carvalho Calero, a nossa
homenagem*”

com a participaçom de Bernardo
Penabade, Presidente da AGAL



Quinta-feira 25 Maio



20h00, Projecçom
no centro social
Alto Minho
(*Rua catassol nº15*)
Documento histórico:
“A entrevista” (1985) com a
participaçom do Realizador
Ramom Reimunde

*Iniciativa dentro das
actividades do IV
Mês língua de*



Alto Minho

www.altominho.org

ORGANIZA:



movimento defesa da
Língua

www.mdl-galiza.org

LEBRANDO CARVALHO CALERO



1910-1990

A NOSSA HOMENAGEM